



A pandemia do ódio

Ana Rozenfeld

Como pensar hoje neste encontro que nos convoca o ódio que se encarna na subjetividade social ou individual?

Refiro-me a esse afeto consciente, associado à pulsão destrutiva que expressa a repulsa do Eu na sua relação com o outrem, um outrem a quem se tem que eliminar, matar.

O ódio destitui a razão, não tem um fundamento lógico, expressa um relato preconceituoso que sintetiza o demencial com a ignorância.

O ódio tem aspectos sádicos, cruéis, é mais aterrador e destrutivo do que o vírus do Covid.

Eu penso com ironia se não se poderá descobrir também alguma vacina contra o ódio?

O sujeito odiado é significado como uma ameaça que afetaria a existência de um sujeito ou grupo humano.

O ódio se constitui através de um discurso ideológico transmitido frequentemente de uma geração à outra. Costuma ser uma ferramenta política implementada desde o poder para desviar a atenção de uma comunidade em momentos críticos.

O ódio apela à crença do outro na palavra do líder que o promove, mesmo quando essa palavra manifeste um sentido absurdo; que exemplificarei mais adiante.

Uma paciente, militante do ódio ao oficialismo, me dizia que estava muito preocupada pela perda da liberdade, que o país está destruído, que no sul os mapuche estão ocupando terras privadas.

Pergunto-me, como se ajuda a pensar nessas circunstâncias em que o diálogo não é possível?

Enfrentamos uma dificuldade onde a interrogação ou o questionamento está obstruído.

Recentemente vimos em Wisconsin a violência racial da polícia que assassinou um afro-americano pelas costas de um modo brutal.

Kyle Rittenhouse de dezessete anos com um arma na mão matou duas pessoas de cor dizendo que defendia a polícia local, aos brancos e precisava proteger os comércios dos saqueios.

Mesmo que em vários estados dos EUA houve demonstrações de repúdio, outros cidadãos acharam adequada a feroz repressão contra os afro-americanos.

Nessas circunstâncias se dilui a dimensão humana, torna banal o ódio, a crueldade, a discriminação, a violência, o assassinato.

A discriminação racial ao longo da história tem sido um pretexto para a colonização.



Acredito que esse tema onde os direitos humanos são violados é uma incumbência para nós como psicanalistas.

A aporofobia é o ódio aos pobres. Em Buenos Aires no ano passado dois rapazes despejaram querosene e colocaram fogo em dois indigentes que moravam embaixo de uma rodovia.

E no dia 17 de agosto um grupo numeroso de pessoas que carregavam a bandeira argentina se mobilizou indo até o Obelisco, desmentindo a pandemia. Muitos deles não usavam máscara, atacavam com seus cartazes ao governo federal, aos judeus, aos homossexuais. Diziam que não queriam o comunismo, defendiam a nova ordem mundial, rejeitavam as vacinas.

Atacaram os jornalistas que estavam trabalhando. Muitos nem sabiam o motivo pelo qual tinham se mobilizado; alguns deles afirmavam que a pandemia era uma invenção do governo, outros diziam que rejeitavam a reforma da Constituição, confundindo-a com a do poder judiciário.

Nessa mistura de argumentações sem sentido, uma coisa era evidente nesta oposição absurda, a violência do ódio.

Todos esses sujeitos não ficaram satisfeitos com as medidas governamentais para ajudar a população: empréstimos sem juros, cartão alimentação para os pobres obterem a cesta básica, o subsídio de \$10 000 (pesos argentinos), outorgado pela quinta vez a nove milhões de pessoas, a culminação exitosa da renegociação da dívida externa, etc.

Como é possível enfrentar essa fronteira de ódio delirante, esse déficit da palavra sustentando argumentações absurdas? Não se trata de diversidade de opiniões ou, em todo caso, deveríamos rever seu estatuto quando o seu objetivo atenta contra os direitos humanos.

Muitos meios de difusão, porta-vozes de grupos econômicos poderosos influenciaram na convocatória à mobilização dos chamados “antiquarentena”, incidiram na subjetividade social insuflando ódio, rejeitando a proposta ética do presidente argentino, que optou por salvar vidas em vez de privilegiar a economia.

Uma opção totalmente diferente às de Trump e Bolsonaro.

Como é que se constrói o objeto odiado? Procurando um bode expiatório dos males que afetam à comunidade. Mas, não é essa a semente da xenofobia?

Tem um excelente filme chamado Jojo Rabbit que mostra o doutrinação que sofre um rapaz de dez anos com a ideologia nazista. Ele tinha que fazer diversas provas e a primeira era matar um coelho. Nas sucessivas provas lhe mostravam desenhos e relatos nos quais o judeu é degradado à categoria de sub-humano, de costumes repugnantes, que devia ser eliminado.

Assombrou-me uma notícia do jornal Clarín assinada por Gustavo Iaies que compara o confinamento dos jovens na pandemia com o de Ana Frank na Holanda. O jornalista ignora que Ana Frank teve que se esconder para preservar sua vida da perseguição nazista, que matava judeus enquanto o confinamento decretado pelo governo argentino é para proteger a vida, evitar a doença, a morte.

O ódio é subjacente nesses comentários de jornalistas que apoiam interesses políticos.



FRONTERAS
33º CONGRESO
LATINOAMERICANO
DE PSICOANÁLISIS

PRIMER CONGRESO
VIRTUAL FEPAL 2020

OCTUBRE
2020



O medo é um vírus que ataca à democracia.

A desigualdade social pode originar ódio, provocando rebeliões na busca de igualdade de direitos.

O ódio acompanha representações - fantasmas. Insere-se nas ideologias.

A ideologia não é somente um sistema de crenças vinculado às relações de produção. É uma construção que sustenta princípios de ordem ética, moral, cultural, religiosa.

Quando o ódio se instala numa ideologia os Direitos Humanos são vulnerados e o mundo pode se tornar inóspito.

O presidente Trump expressa em seu discurso que se ele não for reeleito virá o comunismo, e que o Covid foi gerado pela China.

A ingenuidade desses argumentos insustentáveis propagados pela mídia se apropria da subjetividade das pessoas, de suas crenças.

Nós temos outra fronteira: a do capitalismo neoliberal e as classes sociais. O neoliberalismo não só procura a dominação, mas também a colonização subjetiva que implica evitar pensar, questionar os fatos, e acreditar nas verdades impostas pelos grandes meios de difusão. Esses que deveriam estar a serviço da educação, da saúde e do pensamento crítico, e não ao serviço do discurso tendencioso dos grupos de poder.

Que podemos fazer nós, psicanalistas perante a pandemia do ódio, da morte do pensamento? Poderemos produzir um saber novo? Ou, então, o que fazer diante do ódio?

A ética da psicanálise não é circunscrita a decifrar o inconsciente. É uma ética dos Direitos Humanos que inclui poder pensar e debater o ódio como uma doença da cultura.

Os psicanalistas somos participantes responsáveis do que acontece na nossa contemporaneidade.

Traducción: María Elena Machado. Traductora pública nacional idioma inglés. Auxiliar bilingüe en idioma portugués con orientación en cultura